

## PLÍNIO, O VELHO: LEITOR DOS LATINOS

Thiago David Stadler<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo trabalho com a questão da identidade do erudito propagada e incorporada por Plínio, o Velho a partir de sua leitura de quatro autores latinos: Marco Terêncio Varrão, Sêneca, Tito Lívio e Cícero. Assim, proponho que o conjunto de características fundamentais para a formação de um erudito nos moldes de Plínio está intimamente vinculada com a tipologia da obra *História Natural*. Apesar do uso de autoridades latinas para compor sua magna obra sugiro que Plínio aludiu a uma forma diferente de ler a tradição e, portanto, elencou outras prioridades no que se refere aos domínios e posturas de um erudito do século I d.C.

**Palavras-chave:** erudição; *Historia Natural*; identidade.

## PLINY THE ELDER: A READER OF THE LATINOS

**Abstract:** In this article I work with the issue of the identity of the erudite disseminated and embodied by Pliny the Elder from his reading of four authors: Marcus Terentius Varro, Seneca, Titus Livius and Cicero. Therefore, I propose that the group of fundamental characteristics to the formation of an erudite as defined by Pliny is deeply connected with the typology of the *Natural History*. Despite the use of Latin authorities to compose his magnum opus I suggest that Pliny alluded to a different form of reading the tradition and, thus, chose other priorities regarding to the dominions and postures of an erudite of the first century.

**Keywords:** erudition; *Natural History*; identity.

Ao ler a *História Natural* de Plínio, o Velho dois pontos tornam-se explícitos desde o princípio: i) a influência dos autores gregos na composição da NH; ii) a influência dos autores latinos na composição da NH. São citadas no Livro I mais de trezentas autoridades estrangeiras – que em sua quase totalidade são gregas – e mais de cem autoridades latinas

---

\* O trabalho é resultado de investigação levadas a cabo pelo autor por ocasião de seu doutoramento (que se observam na tese “*Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc. I d.C.)*”) e, igualmente, vinculadas a projeto de pesquisa atualmente em desenvolvimento, intitulado “*Morte, identidade, história: abordagens acerca do estoicismo em Plínio, o Velho*”.

<sup>1</sup> Doutor em História. Professor Adjunto A do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná *campus* União da Vitória. E-mail: thibastadler@gmail.com.

que compõem o plantel de possíveis consultas de Plínio para a composição de sua magna obra<sup>2</sup>. Diante deste grande plantel de autores consultados por Plínio para a elaboração de sua NH selecionei quatro latinos: Marco Terêncio Varrão, Sêneca, Tito Lívio e Cícero. Com qual objetivo? O de pensar a questão da identidade do erudito propagada e incorporada por Plínio a partir de sua leitura dos autores anteriormente citados. Isto só será compreendido a partir da perspectiva de que a NH não é um amontoado de informações inúteis, um livro de curiosidades, uma enciclopédia, mas um exemplar legítimo do gênero de história na Antiguidade<sup>3</sup>. Assim compreendida, a NH fornece a possibilidade de leitura da história romana pelo viés cultural e social e, por conseguinte, provê condições de se pensar a construção de identidades – individuais e coletivas.

A identidade de erudito que pretendo expor não se limita àquele pensador que conhece a tradição, mas sim àquele que ao ler a tradição trai o tipo de leitura comumente feita. Se Plínio é considerado um erudito por compor uma obra de 37 volumes tão vasta quanto à própria natureza proponho mudar o foco de análise e considerá-lo um erudito pela forma como leu a tradição latina.

Defendo neste texto que a identidade de erudito cunhada a partir da leitura de Plínio traz como resultado uma chave de interpretação para a construção da identidade romana. Ao ler a tradição latina a partir de outro foco – não mais o das guerras, conquistas, expansões – Plínio constrói em sua NH uma identidade romana pautada noutras características, tais como a exaltação de feitos do cotidiano. Desse modo, de um lado tem-se a construção da identidade do erudito que lê – e de como lê – e do outro lado a construção da identidade coletiva dos romanos a partir da forma como o erudito leu a tradição. Apesar de distintos vê-se que em certos aspectos ambos os pontos entrelaçam-se, pois a construção da identidade de erudito romano é forjada a partir do domínio dos recursos literários da tradição latina que, ao mesmo tempo, são as mesmas que dão suporte ao autor da NH em propor uma identidade romana por um viés que não o da guerra, da

---

<sup>2</sup> O título deste artigo faz referência ao texto “Kant leitor de Epicuro” de Prof. Dr. Miguel Spinelli publicado na Revista *Studia Kantiana* em 2011. Trata-se tão somente de uma singela homenagem ao Prof. Spinelli com quem muito aprendi ora com a leitura de suas inúmeras obras ora com as conversas descompromissadamente filosóficas. Grato!

<sup>3</sup> Penso o gênero de história na Antiguidade latina a partir das noções de temporalidade, exemplos virtuosos e exemplos viciosos – que devem ser seguidos e negados, respectivamente –, a centralidade de Roma e do homem romano nos relatos, o aporte da tradição literária e sua voz autorizada para compor o texto, a proximidade com o relato verdadeiro e crível. Discuti esta questão de forma aprofundada em minha tese de doutoramento (STADLER, 2015).

expansão e conquistas externas. Eis a importância da caracterização de leitor dada a Plínio no título deste trabalho, pois a construção da identidade de erudito é pensada observando o domínio de uma tradição de saberes que se expressa a partir do seu dizer. De forma convergente e pormenorizada é o seu dizer justificado pela leitura dos autores aqui selecionados que constrói um universo de competências tipicamente romanas e é portador de novas condições de se pensar a identidade romana. Passo a expor a maneira como Plínio leu os autores latinos e as implicações em torno da construção da identidade do erudito.

\*\*\*\*\*

Dentre as autoridades latinas mais citadas e exaltadas por Plínio, o Velho em sua NH está a figura de Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.). Fora considerado por Quintiliano como o “homem mais erudito dos romanos” (Quintiliano. Inst.Orat.X,I,95) e admirado por Agostinho de Hipona a tal ponto que o definiu como “o homem mais sábio de todos os lugares, leu tanto, que nos admiramos de que ele tivesse tempo de escrever alguma coisa; e escreveu tanto, que acreditamos que alguém dificilmente tenha conseguido ler tudo o que ele escreveu” (Agostinho. De ciuitate De.VI,2). Percebe-se o apelo à erudição que acompanha a trajetória de Varrão e, por este motivo, pode-se pensar os usos que Plínio fez das obras de Varrão e de sua autoridade na composição de uma identidade de erudito romano no século I d.C.

Um primeiro ponto que caracteriza a figura do erudito – nos moldes apresentados na NH – é o domínio de assuntos vinculados tanto à gramática quanto aos assuntos do mundo natural. Que a escrita de Plínio não goza da mesma sensibilidade e beleza de outros eruditos da Antiguidade é ponto comum entre os estudiosos de Plínio<sup>4</sup>. Mas, quando se lê a NH, logo se começa a perceber que a “De Lingua Latina” de Varrão se fez presente: “Quanto a nossa palavra *caelum*, sem dúvida tem o significado ‘gravado’, como é explicado por Marco Varrão” (Plínio. NH 2.9). Tal passagem encontra-se no De Lingua Latina V.18 e o

---

<sup>4</sup> A escrita da NH não se constrói a partir da beleza discursiva própria de outros gêneros literários da Antiguidade – as epístolas, por exemplo. Ao ler a obra pliniana tem-se, por diversas vezes, a sensação de deparar-se com “anotações”. Alguns autores não aliviaram as críticas: Norden em seu “Die Antike Kunstprosa” de 1915 afirma que o estilo de escrita de Plínio estaria entre os piores do mundo; D. J. Campbell no “Oxford Classical Dictionary” de 1979 também condena a prosa de Plínio; F. R. D. Goodyer em “Cambridge History of Classical” de 1980 afirma que Plínio seria uma espécie de monstro incapaz de escrever uma frase coerente.

seu uso expõe um traço da erudição de Plínio que se perdeu nos ventos da história, pois Plínio escreveu obras de gramática que não chegaram até os dias de hoje – *Studiosus* e *Dubius Sermo*. Pela tipologia da NH questões profundas de gramática não foram levantadas, mas a referência explícita da “De Lingua Latina” indica o apreço para a formação completa do homem erudito romano. Já o domínio dos conteúdos do mundo natural foram transmitidos à Plínio a partir da obra “De re rustica” que se mostra muito mais presente do que “De Lingua Latina” na composição da NH – por motivos de afinidade de temas.

A partir dos usos de Varrão percebe-se outro traço que compõe a identidade do erudito na NH: a necessária aliança entre o enobrecimento da alma a partir de leituras e reflexões com a prática de atividades públicas. Varrão fora declarado um criminoso por Marco Antônio – durante o Segundo Triunvirato – por lutar ao lado de Pompeu durante os conflitos em 49 a.C. e só escapou da morte por contar com a ajuda de Otaviano Augusto. Já no campo dos estudos combinou os estudos de Cleantes, da escola de Pérgamo, com os de Aristófanos de Bizâncio, da escola de Alexandria (CARVALHO, 2013: 1245). Plínio, ao relatar certas características de Varrão, nos proporciona os atributos que um erudito deveria angariar neste campo composto de atuação política e literata:

Na biblioteca fundada em Roma por Asínio Polio, a mais antiga biblioteca do mundo estabelecida a partir dos despojos de guerra, a única estátua erguida para uma pessoa viva foi a de Varrão, (...) constituindo uma distinção não menos, na minha opinião, de quando Pompeu, o Grande deu ao mesmo Varrão uma coroa naval pela sua condução na guerra com os piratas (Plínio. NH 7.115).

Este trecho remonta a uma situação vivenciada por Varrão ao lado de Júlio César. Após o perdão dado a Varrão pelo seu envolvimento com Pompeu, César solicitou que o erudito organizasse uma biblioteca em Roma (Suetônio. De uita Caesarum, Diuus Iulius, 44). Esta solicitação não foi concluída, mas Varrão grato pelo perdão e pela confiança dada por César dedicou-lhe a segunda parte das “Antiguidades” (VALENZA, 2010: 03). No trecho da NH tem-se um momento posterior a esta situação, pois se fala acerca da estátua construída a Varrão dentro de uma biblioteca. É preciso compreender a passagem além do monumento em si e vislumbrar o simbolismo desta honraria dada a Varrão: estátua fora erguida num espaço específico, qual seja, uma biblioteca – lugar de leitura e lugar ocupado pelo erudito! Contudo, como dito anteriormente, somente esta característica não criava a

identidade do erudito, pois a necessidade de vínculo com as atividades práticas era fundamental. É a segunda parte do trecho que fornece material para se pensar o erudito de forma completa: Varrão recebeu honrarias pelos serviços navais prestados a Pompeu. Se a erudição foi premiada por Júlio César com o convite de construir uma biblioteca e, posteriormente com um busto dentro de um espaço de leituras, a atividade política ao lado de Pompeu deu-lhe os louros no campo da prática.

O paralelo com Plínio novamente pode ser feito, pois o mesmo também gozava de prestígio no mundo literato e exerceu funções militares e outras administrativas até os tempos de Vespasiano - como comandante de frota naval. Assim como Agostinho relatou sobre os estudos profundos de Varrão, Plínio, o Jovem registrou os feitos de seu tio:

Depois do sol geralmente tomava um banho frio para logo comer e dormir um pouco, depois estudava como se um novo dia tivesse começado, até a hora do jantar, durante o qual também era lido um livro em voz alta, do qual tomava rapidamente algumas notas. (...) em seus aposentos só parava seus estudos no tempo de seu banho, ou melhor, de suas imersões, pois enquanto se secava fazia com que algo fosse lido! (Plínio, o Jovem. Ep.3.5).

Eis alguns pontos de semelhança entre a erudição de Varrão e a de Plínio, o Velho que reforçam a perspectiva de construção de uma identidade de erudito na NH pautada na tradição latina. Tradição que não foi seguida linearmente por Plínio, pois a partir do próximo trecho penso que a construção da identidade de erudito presente na NH impõe um novo tipo de leitura das autoridades que o precederam. Ainda falo da presença de Varrão na NH, embora a abordagem dada por Plínio não se vincule ao perfil desenhado por Quintiliano e tantos outros. Lê-se:

A existência de uma forte paixão por retratos em dias passados é evidenciada por Ático, o famoso amigo de Cícero, que publicou obra a respeito e sobre a mais benevolente invenção de Varrão que, na verdade, insere em uma prolífica produção cerca de setecentos retratos de pessoas ilustres, não permitindo que as imagens deles desaparecessem ou que o lapso da idade prevalecesse sobre a imortalidade nos homens. Aqui Varrão foi o inventor de um benefício que até mesmo os deuses poderiam invejar, pois ele não somente concedeu a imortalidade, mas a espalhou por toda a terra, tornando seu assunto onipresente, como os deuses (Plínio. NH 35.11).

Sem nenhum apelo ao mundo da agricultura, da mineralogia, da gramática, do belicismo ou percepções de cunho expansionista Plínio exaltou a propagação dos retratos

feita por Varrão. Tal feito chegou a provocar a inveja dos deuses, pois através dos retratos não era apenas a imortalidade que se apresentava ao homem, mas também a aparição em todos os lugares do mundo – sem as marcas do tempo e da idade! Este trecho da NH faz-me lembrar da epístola V.8 de Plínio, o Jovem quando o sobrinho afirmou que gostaria de vencer a morte por meio das letras e voltar glorioso nos lábios da humanidade. Seu tio viu nos retratos esta possibilidade e o agradecimento voltou-se à Varrão que inaugurou um tempo de invejas celestiais.

A leitura que proponho deste trecho para a construção da identidade de um erudito não se pauta na ideia de retratar/desenhar um erudito para que o mesmo ganhe a imortalidade. O que se tem é a marca da permanência dos feitos dignos de lembrança. Um erudito deveria se preocupar com a construção de um legado permanente que alcançasse os mais longínquos espaços – toda a terra e onipresente. A questão do retrato oferece a perspectiva de que o legado proposto por um erudito não precisava vincular-se a nenhum feito que envolvesse o sangue e a conquista de espaços externos. Outra leitura possível deste mesmo trecho: pode-se pensar que os ilustres que seriam lembrados pela eternidade não o seriam pelos seus feitos grandiosos, mas pela existência do retrato. Uma imagem pode sobreviver desvinculada da história do retratado. Justamente esta possibilidade de se retratar um cidadão honrado sem as chagas da violência indica outro elemento da identidade de erudito apresentada na NH, qual seja, a desvinculação dos eruditos com as marcas da escrita guerreira.

Outras passagens em que o nome de Varrão aparece na NH fornecem mais uma marca da erudição nos moldes plinianos: ponderar as opiniões contrárias sobre um mesmo tema<sup>5</sup>. Tal postura justifica-se pela ciência de que há uma imensidão de opiniões das mais diversas autoridades acerca dos mesmos temas. Para tanto era preciso ponderar algumas conclusões mesmo tratando-se de Varrão: “há exemplos importantes de opiniões contrárias a de Varrão no que diz respeito à história do papel” (Plínio. NH 13.84). As possíveis imprecisões no que era relatado exigem do erudito a máxima clareza e precisão no momento em que trata de assuntos dignos de se confundir. Como em muitos textos tem-se a necessidade de conferir estatuto de verdade naquilo que se escreve e noutros textos basta o

---

<sup>5</sup> Esta característica pode ser pensada a partir das palavras de Heródoto: “em verdade, minha obrigação é expor o que se diz, mas não sou obrigado a acreditar em tudo” (Heródoto. Histórias, 382).

estatuto do crível caberia ao erudito apontar as autoridades condizentes com o assunto tratado e, quando necessário, posicionar-se em favor da melhor resolução. É dessa forma que Plínio indicou a Varrão como uma das autoridades a se seguir no tocante a agricultura:

[sobre tratados de agricultura] Mas colocamos no início uma lista de pensadores originais e poetas eminentes, assim como ilustres autores que iremos seguir neste volume, embora menção especial deva ser feita a Varrão, que se sentiu inclinado a publicar um tratado sobre o assunto em seu octogésimo primeiro ano de vida (Plínio. NH 18.23).

Como nem a identidade de um erudito romano nem a escrita de uma obra do gênero de história poderia valer-se dos belos cantos das musas inspiradoras para anunciar as verdades era preciso contar com amplo apoio da tradição. No tocante à agricultura a base, de acordo com Plínio, era composta pelas obras de Varrão. Desse modo, a identidade do erudito é cunhada a partir do desvelar da autoridade em assuntos de grande relevância. Pergunta justa: seria a agricultura um assunto de grande relevância para desvelar a autoridade de um erudito no século I d.C.? Talvez certo de que os feitos de grandes proporções seriam registrados noutros escritos de sua época Plínio voltou seus olhos para os assuntos ditos de menor importância, mas que revelam inúmeras características da relação do homem com a natureza. Talvez uma das funções tidas como primordiais para um erudito nos moldes plinianos fosse a de tornar os assuntos da natureza em assuntos da história.

Ao apresentar outros momentos em que a autoridade de Varrão se faz presente na NH Plínio expõe a sua leitura de certos acontecimentos históricos pelo viés da natureza: “A água do próprio Mar Cáspio foi considerada por Alexandre, o Grande como doce para ser bebida e também Varrão afirma que a água transmitida para Pompeu era dele [Mar Cáspio], quando ele estava nas vizinhanças do rio durante a Guerra Mitridática” (Plínio. NH 6.51). Difícil entender este trecho como uma referência à Terceira Guerra Mitridática (75-65 a.C.), pois Plínio nada informa sobre o conflito na Ásia Menor. Na realidade o cerne da passagem repousa nas propriedades da água do Mar Cáspio que desde Alexandre, o Grande já eram admiradas. Aqui se pode entender a construção da identidade do erudito pautada no historiar a natureza, pois o erudito não seria aquele que retrata as minúcias bélicas da Guerra Mitridática, mas sim, aquele que reconhece as propriedades e o valor das águas para rememorar um feito.

Cunha-se, dessa maneira, uma identidade legitimada pela conservação de feitos que não envolvem o sangue derramado por Pompeu, mas a água bebida por ele. Neste ponto o estudioso P.Jal foi de grande importância quando afirmou: “[na NH] se encuentra outra visión de la historia, que ya no será la de las guerras, sino la de la civilización, y consistirá en contar todo lo que permite la paz” (JAL apud SERBAT, 2011: 49). Nesta mesma linha considero que ao se pensar a construção da identidade do erudito deve-se, obrigatoriamente, explicitar a característica da precisão do relato – em termos de datas, nomes, feitos, número de mortos, povos vencidos, etc.

Tem-se a necessidade na construção de um modelo de erudito a precisão de relatar certas informações – datas, nomes, feitos, número de mortos, povos vencidos, gerais, etc. Contudo, na construção da identidade do erudito a partir da NH de Plínio esta precisão de dados repousa noutros termos. O que deveria ser registrado para rememorar no futuro? Ainda tendo Varrão como autoridade Plínio oferece algumas respostas: “De acordo com Varrão devemos a descoberta do papel à vitória de Alexandre, o Grande, quando ele fundou Alexandria no Egito, antes daquele tempo o papel não era usado” (Plínio. NH 13.69); “Varrão aconselha que se corte o cabelo logo após a lua cheia, como precaução contra a calvície” (Plínio. NH 16.194). Conseguir identificar a origem do papel ou do combate à calvície, eis as marcas que delineiam um erudito!

Apresento estes exemplos com o intuito de construir o argumento de que ao mudar o foco de leitura dos autores da tradição transforma-se a construção da identidade do erudito. Plínio dá aos romanos outro conjunto de características que constroem novos parâmetros de identificação tanto daquele que escreve quanto daquele que se escreve – um erudito romano do séc. I d.C. ou um cidadão romano seria alguém que deveria conhecer sobre gramática e assuntos da natureza, mas também sobre o papel, a calvície, os retratos, as bibliotecas e pronto para atuar na política.

O segundo autor que selecionei para compreender este jogo de identidades a partir da NH foi Sêneca (4 a.C.-65 d.C.). Pensador, político e filósofo do século I d.C. normalmente é considerado como um dos maiores expoentes do estoicismo romano com pensamentos em torno da morte, das virtudes, do bem viver, etc. Justamente esta figura de sábio estoico que penso como útil na discussão da construção da identidade do erudito na NH. Não pretendo tornar Plínio num exemplar de filósofo estoico nem transformar o ideal

de vida de Sêneca como um elemento determinante na composição da identidade de erudito encontrada na NH. Contudo, em uma das epístolas de Sêneca para Lucílio percebo como ambos os autores se assemelham no tocante à postura social e literária. Sêneca assim escreveu:

Se eu me recolhi em casa e fechei as portas foi para poder ser útil a um maior número. Nem um único dia me chega ao fim na ociosidade; parte da noite, reservo-a para os meus estudos; não me disponho ao sono – sucumbo a ele, e deixo repousar sobre o meu trabalho os olhos cansados da vigília e já prestes a cerrar-se. Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil (...) (Sêneca. Cartas a Lucílio, 7).

Para o ideal de erudito propagado nas epístolas senequianas destacam-se alguns pontos: utilidade; estudos/ociosidade; vigília e trabalho para a posteridade. Já no Prefácio-Epistolar da NH Plínio escreveu que era preciso “dar novidade ao velho, autoridade ao novo, brilho ao antiquado, luz ao escuro, graça ao tedioso, credibilidade ao duvidoso” (Plínio. NH.Praef.15) deixando claro que sua obra poderia servir de testemunho para a posteridade, pois elevava temas da tradição mesclados com seu viés da inovação. Noutra passagem do Prefácio-Epistolar tem-se a confirmação de que Plínio também dedicava as noites aos estudos, mantendo-se sempre vigilante – como um bom equestre – ajustando seu sono apenas na medida em que a saúde pedia (Plínio. NH. Praef.18). A semelhança entre a postura literária de Sêneca e Plínio converge ainda mais quanto à utilidade de seus escritos sendo esta outra marca fundamental para a construção da identidade do erudito na NH. A partir da leitura da NH torna-se clara a necessidade de fornecer ordem, explicitar sentido, necessidade de coesão e, por conseguinte, de utilidade tanto para o exercício da política quanto para o exercício da literatura (OLIVEIRA, 1986: 09).

Apesar do pouco espaço que Plínio cedeu a Sêneca em sua NH um trecho merece destaque: “Sêneca, a pessoa mais erudita do nosso tempo, e eminente no poder que ao final cresceu em excesso e desabou sobre seus ouvidos – um homem que estava presente em todos os eventos, mas não era admirador de frivolidades” (Plínio. NH 14.51). Quintiliano considerou a Varrão o mais erudito de todos os tempos. Aqui Plínio dá o título a Sêneca como sendo o mais erudito do tempo presente. Para que a força da erudição hospede-se em Sêneca penso que Plínio considerou a ativa vida política de Sêneca – Nero seria um

engano! – e a profícua produção literária que compõem as marcas já apontadas anteriormente. O traço de distinção que até aqui não foi apontado na construção da identidade do erudito a partir da NH diz respeito ao distanciamento das frivolidades da vida. Encontra-se no Livro 7 da NH um lamento que reforça esta marca do erudito: “somente para o homem foi concedida a tristeza e o luxo; só ele tem a ambição, avareza, o apetite incomensurável pela vida, a superstição, a ansiedade sobre o sepultamento e até mesmo sobre o que vai acontecer depois que ele não existir mais” (Plínio. NH 7.5). Noutra passagem Plínio usou da ironia ao falar dos perfumes – maiores expoentes supérfluos da luxúria, segundo ele –, pois além de caros até mesmo um escravo de Nero os usava, logo não poderia ser considerado um privilégio de príncipe! (Plínio. NH 13.23). Claramente este é um traço que acompanha diversos autores desde a República romana, pois o luxo excessivo pertencia ao conjunto de observações advindas do oriente, ou seja, dos não romanos. Um erudito poderia possuir grandes riquezas – como é o caso de Sêneca e do próprio Plínio –, mas a utilizaria de maneira sensata!

O terceiro autor que exponho neste texto é Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.). A partir de sua obra “Ab Urbe Condita” T. Lívio expôs um conjunto de características pautadas em costumes e tradições dos ancestrais – *mos maiorum* – vinculado a identidade do romano conquistador. Apesar de suas convicções “pompeianas” foi aceito no círculo de Augusto e desenvolveu seus escritos a partir de uma perspectiva moral. Apesar da tradição o colocar na posição de um Virgílio com sua Eneida ou a de um Horácio e suas odes cívicas (MITRAUD, 2007: 36), fato importante é a ausência quase absoluta de Tito Lívio na composição da obra NH de Plínio. As principais aparições de T. Lívio estão no Prefácio-Epistolar da NH com pesada carga negativa no tocante à identidade do erudito. De acordo com Plínio, T. Lívio buscava apenas glórias pessoais ao escrever suas obras. Tal postura carecia de honradez, pois ao compor uma obra o erudito almejava apenas a glória voltada ao nome de Roma e dos romanos (Plínio. NH.Praef.16). Um dos meios para exaltar as glórias coletivas era a exposição de outros pensadores que ajudaram a compor a história e a vivência dos romanos. É por esse motivo que Plínio elencou todo um plantel de autores que auxiliaram na atividade de compor uma obra que reunia os mais diversos traços da romanidade. Como pontuou Ivana Lopes Teixeira:

Plínio ao descrever seu ‘método’ de trabalho como leitura e escrita exaustiva, autorrenúncia e autodisciplina, na expectativa de que sua vida e

seu trabalho servissem ao bem público, invocou autoridades, sobretudo romanas (...) que exibiam discursos políticos-culturais baseados na tradição e nos costumes, na ideia de grandeza de Roma e do Império e na sua *humanitas* (LOPES TEIXEIRA, 2012: 91-92).

Como os historiadores contemporâneos bem compreendem pode-se pensar a ausência de T. Lívio como um traço importante na composição das identidades em Plínio – as lacunas e ausências também desvelam! Penso que a pouca presença de T. Lívio na NH revela que o modelo de erudição propagada por Lívio não se adequava ao erudito nos moldes plinianos. Além da recusa de se escrever uma obra somente para gozar das glórias pessoais, penso que a pouca participação de T. Lívio está intimamente ligada à tipologia da NH<sup>6</sup>. Saliento que Plínio escreveu uma obra intitulada “História de nossa época” que foi uma continuação da “História” escrita por Aufídio Basso (NH. Praef.20) e talvez nesse escrito - não chegou até os nossos dias - a presença de T. Lívio se faria mais evidente. Como a proposta da NH fugia do padrão das obras do gênero de história da Antiguidade a ausência de T. Lívio estaria justificada pelo tema e não somente pela intriga em torno da busca de glórias pessoais.

Desse modo, as únicas duas citações em que o nome de T. Lívio aparece na NH o colocam junto a outras autoridades sobre temas geográficos: “[sobre o Oceano Atlântico] Tito Lívio e Cornélio Nepos indicam que a largura no ponto mais estreito é até 7 milhas e no mais amplo até 10 milhas” (Plínio. NH 3.4); “O comprimento dos Alpes do Adriático para o Mediterrâneo (...) por T. Lívio é 375 milhas” (Plínio. NH 3.132). Um autor que gozava de autoridade por sua obra acerca da fundação de Roma (753 a.C.) até a morte de Druso (9 a.C.) fora assimilado na NH a partir de outras marcas que não as da ira e das guerras (STADLER, 2016: 199). Tem-se novamente a perspectiva do erudito desvinculado da escrita sobre sangue e carnificina.

Esta proposta ganha força dentro dos recentes estudos de História Antiga, visto que alguns estudiosos direcionam suas discussões para os aspectos da vida cotidiana entre os antigos ou para assuntos tidos de menor importância frente às grandes batalhas e decisões políticas. Tal constatação já há muito é feita nos trabalhos que se apoiam na chamada cultura material, mas entender esta dinâmica do dia-a-dia através da tradição escrita ainda é

---

<sup>6</sup> Não defendo a ideia de que Plínio não gozava das glórias pessoais conquistadas por sua vida política e literata. Contudo, para se pensar a identidade do erudito deve-se trabalhar com estas suposições.

vista com alguns receios. Estes receios são compreensíveis quando se elegem os cânones da historiografia antiga e se excluem quaisquer outras possibilidades de entender o mundo antigo. Richard Hingley em sua obra “Globalizing Roman culture: Unity, diversity and empire” expõe acertadamente suas conclusões acerca desta questão:

(...) na Eneida de Virgílio (12: 827-30), Juno se refere a aspectos da cultura que remetem à identidade latina. Ela não trata de governo ou religião em grandes detalhes, mas concentra-se em aspectos comuns da vida diária: “trajes típicos”, como os Latinos chamam-se a si mesmos, e a sua “voz” (sua língua). Isto sugere que, para Virgílio, muitas das maneiras com que os latinos se identificavam uns com os outros eram íntimas e pessoais (HINGLEY, 2005: 75-76).

A passagem esclarece que o poeta romano também sugeriu as pequenas coisas, os pequenos encantos, os pequenos feitos como dignos de lembrança – como um bom poeta, através da boca de uma deusa! Não por acaso Virgílio aparece no Livro I como uma autoridade citada nove vezes – 14º autoridade mais citada na NH. Interessante que o texto de Richard Hingley segue com observações em torno da obra “Agricola” de Tácito: “Tácito menciona que o estilo romano de se vestir – toga – foi adotado na Grã-Bretanha no final do primeiro século de nossa Era juntamente com banheiras, banquetes, etc.” (HINGLEY, 2005: p.76). Chamado por Hingley de “interesse pela vida do cotidiano” esta postura de Tácito já era amplamente assumida na NH. Para ficar com um exemplo parecido, no Livro 9.137 da NH Plínio recorda que foi *Lentulus Spinther*, Edil no período de Consulado de Cícero (63 a.C.), quem usou pela primeira vez a cor púrpura em um manto bordado (Plínio. NH 9.137). O mesmo indivíduo também foi o primeiro romano a esticar toldos de cambraia em um teatro nos jogos de Apolo (Plínio. NH 9.23).

São temas como estes que sugerem que alguns autores da antiguidade, principalmente Plínio, viam nestes pequenos elementos uma força suficiente para conectá-los à identidade do cidadão romano. Elementos estes que ora vinculavam-se ao cotidiano de uma elite romana ora serviam para exaltar até mesmo os indivíduos da mais baixa condição social. Ser o cidadão romano a realizar a primeira luta entre leões em Roma (Plínio. NH 8.53) – *Quintus Scaevola* – dava ênfase aos pequenos feitos de uma elite; ser o primeiro homem a seccionar uma carapaça de tartaruga exaltava a habilidade na produção de utensílios de luxo (Plínio. NH 9.39) – *Carvilius Pollio* -; mas também consta, mesmo que anonimamente, que o maior exemplo de *filiae pietati* romana adveio de uma mulher pobre

(*humilis in plebe*) – uma filha amamentou a própria mãe (Plínio. NH 7.121). Todos exemplos que integram a formação de uma identidade propriamente romana sem o uso das armas como marca da romanidade. Reforço a ideia de que esta identidade romana pautada em aspectos do cotidiano só fora possível com a valorização incondicional das fontes antigas como subsídios das futuras lembranças embora lidas por Plínio a partir de outro viés. Sugiro ser esta outra marca pertencente a identidade do erudito nos moldes da NH: a capacidade de cunhar identidades do coletivo a partir de leituras da tradição com a forte presença da inovação.

Encerro este texto com a apresentação do quarto autor latino e sua importância na construção da identidade de erudito: Cícero (106-43 a.C.). Cícero foi o responsável por pensar e executar diversos escritos a respeito da formação do homem romano enquanto orador, filósofo, cidadão ou, em uma expressão, o romano enquanto ideal de humano. Sua influência nos pensadores posteriores é percebida de forma dominante, pois além do reconhecimento enquanto erudito, Cícero, por mais de vinte anos, foi um dos homens mais poderosos de Roma, sendo afastado do mundo político contra a sua vontade durante os conflitos do Segundo Triunvirato. Para Cícero o afastamento do mundo político era plausível apenas por imposição ou por repúdio ao soberano, pois a conservação da República deveria ser prioridade sempre<sup>7</sup>. Justamente esta aliança entre o poder e a vontade de construir um ideal de cidadão que fez surgir a figura do *doctus orator*:

Cícero [no *De oratore*, III, 142,3] reconstituiu a história da cultura humana como ele a imaginava. (...) Portanto, é necessário, a partir de agora, reensinar os filósofos a falar, ou, o que dá na mesma, reensinar os oradores a pensar. Um orador instruído é, ao mesmo tempo, eloquente e filósofo, e uma coisa porque outra. Logo, já que é possível ser filósofo sem ser eloquente, mas não eloquente sem ser filósofo, o ideal humano que se deve perseguir é o do *doctus orator*, o orador instruído (GILSON, 2013: 202).

É perceptível que a construção do *doctus orator* ciceroniano não expõe os mesmos traços da figura do erudito proposto pela obra NH e por Plínio. Desse modo, cabe a pergunta: se a identidade de erudito propagada por Cícero não encontra paralelo com a

---

<sup>7</sup> Lê-se na obra “Da República” Livro I.IV de Cícero: “Ainda mesmo que me fosse lícito colher o maior fruto do ócio pelo doce e variado dos estudos a que me consagro desde a infância, e ainda mesmo que, sobrevindo algum desastre geral, minha condição não devesse ser pior, mas a mesma dos outros, não vacilaria em arrostar as maiores tormentas e as próprias inundações fluviais pela conservação dos cidadãos, julgando sacrificar meu bem-estar em aras da tranquilidade comum”.

identidade proposta por Plínio, por que Cícero ganhou espaço na NH? O esperado, pense-se, seria o uso de Cícero como expoente da formação do homem romano em áreas que o tornaria digno de participar da política ou da chamada filosofia prática. Todavia, a proposta educacional pliniana, se assim posso chamá-la, visava áreas distintas daquelas exaltadas por Cícero. Basta um rápido passar de olhos em algumas páginas da NH para se perceber que o poder da eloquência não ganha as mesmas cores que o poder dos remédios naturais, por exemplo.

A NH não foi pensada para atender a formação do *doctus orator* ciceroniano, todavia também desvelava atividades e conhecimentos fundamentais na formação do romano instruído. Daí a proximidade que a historiografia propôs ao longo dos séculos entre Varrão e Plínio, pois o formato educacional varroniano teve maior impacto na NH do que o estilo e os trabalhos filosóficos ciceronianos. A formação identitária do romano instruído pensado por Plínio não seria a do melhor orador, nem *apenas* o dominador de técnicas agrícolas, mas também a do homem capaz de encontrar valia em pequenos feitos e certa devoção aos costumes cotidianamente romanos. A NH fornece um plantel de registros destes pequenos feitos e costumes dignos de atenção – um “triunfo literário” que poderia desfilar entre todos os romanos com os registros de lutas de leões, exhibições de hipopótamos e crocodilos, enumeração dos escravos mais caros, informações sobre os barbeiros, relatos acerca de sofás e pratos de comida, etc.

A partir desta dinâmica discursiva imposta por Plínio encontra-se em sua NH usos muito diversos do grande orador Cícero - distante da formação do *doctus orator*. O que se vê é um Cícero a serviço da proposta de construção de identidades pliniana e não o contrário: “Também entre nós, Cícero afirma que o olhar de todas as mulheres que possuem pupila dupla é prejudicial em qualquer lugar” (Plínio. NH 7.18); “[tempos para semear] Xenofonte nos diz para não começar antes do sinal da Divindade – este sinal nosso autor romano Cícero o entendia por uma queda de chuva” (Plínio. NH 18.224); “Algumas regiões tornam-se mais secas em tempos chuvosos, como a região de Narnia; Cícero inclui isto em suas Maravilhas dizendo que a seca traz lama e a chuva, poeira” (Plínio. NH 31.51); “Cícero em seu Livro das Maravilhas alega que somente pela água do pântano Reate as patas do gado são endurecidas” (Plínio. NH 31.12). O erudito Cícero não fora citado por

seus belos discursos senatoriais, mas por questões que envolviam as pupilas, as tormentas, o período de semear e a lama empoeirada. Nada de *doctus orator!*

Outras duas citações de Cícero na NH reforçam os argumentos até aqui apresentados: “[Dizem que] Cícero andava de mula para uma padaria do exército e, muitas autoridades afirmam que, em sua juventude, ele apoiou a sua pobreza por longas caminhadas nas fileiras!” (Plínio. NH 7.135); “Finalmente Cícero, graças ao caso Catilina, durante seu consulado colocou o título de equestre em uma base firme, ostentando que ele mesmo surgiu a partir dessa ordem, ganhando forte suporte através de métodos inteiramente seus que garantiam a popularidade” (Plínio. NH 33.34). Na primeira citação está presente uma das noções do estoicismo romano e, por conseguinte, do ideal de erudição propagado por Plínio: os estranhos olhares para a riqueza e futilidades. É perceptível que tanto Cícero quanto Plínio possuíam condições econômicas bem estabelecidas, mas o exagero e as futilidades – como anéis de ouro no lugar dos anéis de cobre, etc. – eram elencados como desnecessários até para os príncipes. Como uma das propostas da NH era desvincular-se da tradição que exaltava as conquistas e luxos, nada mais marcante que usar um dos maiores nomes da República romana como exemplo. Se Cícero era apontado como o formador de homens romanos eloquentes e exaltado por suas qualidades de escrita, filosofia e oratória, aqui, na NH, seus traços incluem o andar de mula como amostra de sua disposição pessoal contrária aos excessos. Nada da grandiosidade individual ciceroniana, nada da postura política que o colocou como um dos melhores romanos, mas sim, o abrir mão de alguns luxos.

### **Pensamentos Finais**

Com o intuito de suscitar futuros debates em torno da questão da identidade do erudito, a partir da leitura da História Natural de Plínio, o Velho, explicito o conjunto de características que levantei durante este artigo. Tenho a ciência de que tais marcas aqui apresentadas não se limitam ao autor por mim trabalhado, mas acertadamente o incluí no debate de identidades forjadas na Antiguidade. Assim, ao apresentar as leituras de Plínio acerca de Varrão, Sêneca, Tito Lívio e Cícero o erudito deveria, de ânimo elevado, percorrer este caminho:

Dominar assuntos vinculados tanto à gramática quanto aos assuntos do mundo natural
Enobrecer sua conduta a partir da aliança de leituras/reflexões com a prática de atividades políticas
Preocupar-se com a construção de um legado permanente que alcançasse os mais longínquos espaços
Desvincular a escrita das marcas de sangue e carnificina oriundas das guerras
Ponderar as opiniões contrárias sobre um mesmo tema
Dominar assuntos de grande relevância
Tornar os assuntos da natureza em assuntos da história – <i>historiar</i> a natureza
Precisão dos relatos
Visar a utilidade, coesão e sentido ao escrever seus textos
Distanciar-se das futilidades, frivolidades e da riqueza exacerbada
Almejar apenas a glória voltada ao nome de Roma e dos romanos
Cunhar identidades coletivas a partir da leitura da tradição com a forte presença da inovação

### Referências

- CARVALHO, Antonio Carlos da Silva de. O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão. *Estudos Linguísticos*, v.42, n.3, p.1244-1253, 2013.
- GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1988.
- HINGLEY, Richard. *Globalizing roman culture: Unity, diversity and empire*. London: Routledge, 2005.
- LOPES TEIXEIRA, Ivana. *Romanidade em Plínio, o Antigo, e a Naturalis Historia como um “projeto” político-pedagógico*. 2012. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade de São Paulo.
- MITRAUD, Carlos A. *História e Tradição no Livro I de Tito Lívio*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Ideias Morais e Políticas em Plínio, o Antigo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1986.

THIAGO DAVID STADLER

PLINIO EL JOVEN. *Epistulae (Tomo I-II)*. Trad. MÁRQUEZ, Diego & SÁNCHEZ, Darío. Córdoba: Alción Editora, 2005.

PLINY. *Natural History (1-37)*. Trad. RACKHAM, H & JONES, W.H.S & EICHHOLZ, D.E. Cambridge, MA, London: Harvard University Press, 1991.

QUINTILIANO. *Instituciones Oratoria (tomo II)*. Trad. Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. Madrid: imprenta de Perlado Páez y compañía (Biblioteca Clásica), 1916.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. SEGURADO E CAMPOS, J.A. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SERBAT, Guy. *Plinio el Viejo*. Madrid: Editorial Gredos, 2011.

STADLER, Thiago D. *Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc.I d.C.)*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Idem. Barbeiros, cozinheiros e lutadores: a escrita da história a partir dos pequenos feitos em Plínio, o Velho (séc.I d.C.). In: ANTIQUEIRA, Moisés (org.). *A escrita da história na Antiguidade greco-romana*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SUETONIUS. *Lives of the Caesars (vol.II)*. Trad. ROLFE, J.C. Cambridge, MA, London: Harvard University Press, 1914.

VALENZA, Giovanna M. *De lingua latina, de Marco Terêncio Varrão: tradução dos livros VIII, IX e X*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

Data de recebimento: 14/09/2016  
Data de aceite: 16/11/2016